UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TICIANA DE ANDRADE SANTANA

AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS Á PRÁTICA DOCENTE

Salvador

2016

TICIANA DE ANDRADE SANTANA

AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS À PRÁTICA DOCENTE

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

Professora: Me. Fernanda Almeida Pereira.

Salvador

2016

TICIANA DE ANDRADE SANTANA

AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS À PRÁTICA DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do titulo de Especialização em Docência na Educação Infantil pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 18 de junho de 2016.

Banca Examinadora

Fernanda Almeida Pereira – Orientadora

_____

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Educação da UFBA, Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Universidade Federal da Bahia.

Camile Viana da Cunha Vieira

_____

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado o fôlego da vida, saúde e prosperidade nos estudos. Agradeço, também, à minha família e amigos que tiveram ao meu lado e me incentivaram neste processo, em especial, à minha mãe que dedicou muitos sábados para cuidar dos meus filhos enquanto eu estudava, sem nunca reclamar.

Marcelo também que foi um grande companheiro dividindo as tarefas de casa comigo e, muitas vezes, fazia a maior parte delas pra que eu tivesse tempo para estudar.

E, por fim, aos meus filhos que nunca me pediram para ficar em casa ao invés de estudar, pelo contrário, me enchiam de beijos quando eu saia.

Às minhas amigas queridas Cristiana, Glaucineide, Laís, Luciana e Silvanete, meu muito obrigada pelos momentos que passamos juntas durante o curso, dividindo alegrias e tristezas, sempre juntas.

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser.

(FREIRE, 2015, p. 105).

SANTANA, Ticiana de Andrade. **Autonomia na Educação Infantil:** Desafios à prática docente. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação Infantil (CEDEI). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

Considerando a relevância de se refletir sobre processo de aprendizagem da criança para se tornar autônoma e participativa, o presente trabalho tem como tema central o desenvolvimento da autonomia da criança. A Educação Infantil é entendida, nesta pesquisa, como fase em que situa o início do processo de autonomia dos sujeitos. Neste sentido, a minha questão de pesquisa é como o docente da Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia da criança? Assim, os objetivos específicos da pesquisa são: Apresentar algumas propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil e dos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil; Abordar o conceito de autonomia com base no teórico Paulo Freire; Identificar atividades que evidenciem o desenvolvimento da autonomia da criança em uma turma de Educação Infantil. Para fundamentar estas discussões utilizei como referencial teórico o autor Freire (2015) e os documentos DCNEI (2009), RCNEI (1998). Visando discutir as questões da pesquisa, a metodologia escolhida foi de abordagem qualitativa de cunho etnográfico, assim optei pela Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial.

Palavras chaves: Educação Infantil; Práxis pedagógica; Autonomia; Aprendizagem.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDEI	Curso de Especialização em Educação Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
FACED	Faculdade de Educação
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
RCNEI	Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
SEB	Secretaria da Educação Básica
SEESP	Secretaria de Educação Especial
SEMED	Secretaria Municipal da Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNIME	União Metropolitana de Educação e Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 8
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 12
2. MEMORIAL FORMATIVO 12
3. TEORIA E PRÁTICA: DIÁLOGO NECESSÁRIO NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA INFANTIL 23
3.1 CONTROLE DE ESFÍNCTERES 26
3.2 ALIMENTAÇÃO 27
3.3 HIGIENE PESSOAL 29
3.4 USO DA LINGUAGEM PELAS CRIANÇAS 30
3.5 EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL 30
4. ABORDAGEM METODOLÓGICA 32
4.1 MÉTODO E TIPO DE PESQUISA 32
4.2 CAMPO DE PESQUISA 32
4.3 SUJEITOS 33
4.4 INSTRUMENTOS OU DISPOSITIVOS 34
4.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 34
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS 36
5. CONCLUSÃO 44
REFERÊNCIAS 47
APÊNDICES 50

1. INTRODUÇÃO

Repensando a minha prática docente, exercício que aprendi a fazer desde o início do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI), percebi que uns dos aspectos que merecem uma reflexão, é como venho propondo situações que possam desenvolver a autonomia das crianças da Educação Infantil, numa turma de G4 na qual atuo como educadora. “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. (FREIRE, 2015, p. 39).

Ao descrever minhas ações pedagógicas diárias pude observar que para realizar algumas atividades básicas da rotina, as crianças da minha turma evidenciaram dificuldades no desenvolvimento da autonomia e, que a mesma pode estar relacionada à compreensão que possuo sobre o conceito de autonomia. Soejima verificou, em sua pesquisa, a partir da organização dos dados que, “a visão de autonomia de grande parte das professoras é a de um processo relacionado aos modos de vida e de relações interpessoais e sociais” (SOEJIMA, 2008, p. 77).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, “capacidade de realizar escolhas amplia-se conforme o desenvolvimento dos recursos individuais e mediante a prática de tomada de decisões”. (BRASIL,1998, p.39)

Além do autocuidado, autonomia significa pensar sobre diversos temas do cotidiano e atuar no mundo em que vive. Mas como desenvolver esta capacidade nas crianças? De que forma as situações que proponho em sala significam momentos de autonomia? Para responder a esta questão da pesquisa elegi alguns objetivos.

Objetivo geral:

- Compreender como a ação docente contribui para o desenvolvimento da autonomia das crianças dos grupos 4 da Educação Infantil da Escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilela;

Objetivos específicos:

- Apresentar algumas propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil e dos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil relacionadas com o desenvolvimento da autonomia;
- Abordar o conceito de autonomia com base no teórico Paulo Freire;
- Identificar atividades que evidenciem o desenvolvimento da autonomia da criança.

Notei que muitas vezes as crianças possuem dificuldades em atividades que envolvam a cooperação, demonstrando o egocentrismo próprio desta idade.

> As experiências de grupo (trabalho em grupo, jogos, brincadeiras orientadas, etc.) podem favorecer a superação do egocentrismo, a emergência e superação dos conflitos sócio cognitivos , bem como a formação de uma moralidade autônoma, uma vez que por meio do grupo os alunos aprendem a conviver e a respeitar normas produzidas democraticamente e de igual para igual. (COUTINHO e MOREIRA, 1992, p. 131).

Acredito que propor atividades em grupo, assim como explica Moreira seja uma das alternativas para promover o desenvolvimento da autonomia das crianças. Além disso, a ação de compartilhar é algo importante para a percepção do respeito ao outro, auxiliando a construção de relações nas quais se valorize a autonomia.

“Portanto, será através das relações sociais de reciprocidade (marcadas pelo respeito mútuo) que o indivíduo poderá colocar-se no lugar do outro, descentrar-se, e, em uma palavra, conquistar a autonomia” (SAMPAIO, 2011, p. 34). A autonomia do sujeito nesta perspectiva discute sua formação humana, trazendo a importância da Educação para o pleno desenvolvimento dos seres humanos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil estabelecem como um dos princípios éticos a valorização da autonomia e que as “instituições, por sua vez, devem proporcionar às crianças oportunidades para ampliarem as possibilidades de aprendizado e de compreensão do mundo e de si próprio[...]” (BRASIL, DCNEI, 2009, p. 87).

Ao pensar a Educação escolar como uma das possibilidades fundamentais para a formação dos sujeitos, é esperado que, os seres humanos possam

desenvolver sua capacidade crítica de atuar em sociedade, ou seja, de participar, de modo autônomo e reflexivo, da organização da sua própria vida e da vida social.

“Potencializar progressivamente a autonomia dos alunos na definição de objetivos, no planejamento das ações que os conduzirão a eles e em sua realização e controle, possibilitando que aprendam a aprender.” (ZABALA, 1998, p. 92).

Nessa perspectiva, a presente pesquisa inclui em suas reflexões o trabalho de uma educadora de uma Escola Municipal de Educação Infantil e apresenta a prática e processos que possam contribuir para o desenvolvimento da autonomia das crianças de quatro anos. Os dados produzidos no trabalho empírico foram analisados, a partir do referencial teórico adotado nesta pesquisa tendo em vista a organização da rotina diária e sua relação com as práticas e processos escolares que podem contribuir para a construção da autonomia discente.

Este trabalho foi organizado em sete capítulos, incluindo esta Introdução. No capítulo dois é apresentado o memorial formativo com base nas experiências durante o Curso de Especialização Docência na Educação Infantil de que é a primeira parte da fundamentação teórica.

No capítulo três apresento a segunda parte da fundamentação teórica onde realizo o diálogo com a teoria expressa através do pensamento de Paulo Freire, de algumas propostas apontadas nos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, tendo em vista o desenvolvimento autônomo dos sujeitos.

No capítulo quatro, apresento a metodologia que foi utilizada para este estudo, de abordagem qualitativa e inspiração etnográfica. Descrevo, também, o percurso constituído ao longo da pesquisa, com a caracterização do lócus empírico, dos sujeitos da pesquisa, bem como, as dificuldades e as alegrias ali vivenciados e que contribuíram no meu processo formativo.

No capítulo cinco, onde descrevo, analiso e discuto os dados produzidos na fase de campo, apresento a análise e discussão dos dados na Escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilela. Neste capítulo está a parte que considero mais rica da pesquisa, pois foi onde pude exercitar a minha capacidade dialógica entre os dados produzidos e o referencial teórico capaz de me fazer refletir sobre a construção da

autonomia infantil a partir da prática pedagógica docente na Educação Infantil, em especial com as crianças de 4 anos.

No sexto capítulo estão elaboradas as considerações finais desta pesquisa, abordando as principais aprendizagens, os limites e alcances por nós vislumbrados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2. MEMORIAL FORMATIVO
"Se bem me lembro..."

Meu primeiro contato com Educação Infantil foi em fevereiro de 2002, logo após ter concluído o Ensino Médio no ano anterior.

Como não tinha formação em Magistério, uma escola particular contratou-me como auxiliar de classe.

Sem nenhuma experiência com escola, fui para a sala de aula, numa turma com crianças de três e quatro anos. As conquistas e dificuldades desse contexto surpreenderam-me no primeiro momento.

Aos poucos construí vínculos afetivos com as crianças, a comunidade e, sobretudo com a professora regente da turma em que trabalhava.

Tudo me encantava na prática daquela professora, o caderno colorido onde descrevia o planejamento, as brincadeiras, músicas, histórias e a afetividade presente na relação entre professora e aluno.

Logo veio o desejo de também ser regente, com mais autonomia e com ações mais diretas na prática educativa.

> O fato de me perceber no mundo , com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem não tem nada a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história. (FREIRE, 2015, p. 53)

Em julho do ano de 2006 ingressei no curso superior de Pedagogia pela UNIME (União Metropolitana de Educação e Cultura).

Não demorou muito para entrar em conflito sobre o que aprendia no curso e, o que colocar na prática. A esta altura notei que estava construindo uma postura reflexiva acerca do conhecimento teórico aliado à práxis pedagógica.

E citando Freire (2015, p. 40) digo que “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática.”

Estando no segundo semestre do curso recebi o convite para assumir enquanto regente uma turma de Educação Infantil na mesma instituição onde já trabalhava. Encarei a sala de aula como laboratório de estudo, com medos, desejos, ideias, fraquezas, etc.

Enfim, no segundo semestre do ano de 2010, tornava-me graduada em Pedagogia e, continuava em sala de aula. Pouco tempo depois receberia uma nova responsabilidade, a de atuar na educação pública do município onde resido, através de um contrato temporário de trabalho, que anos mais tarde seria efetivado por meio de concurso.

Na vivência com as crianças até cinco anos, utilizo o lúdico, o brincar, os jogos que estimulam as inteligências múltiplas.

As demandas sociais são muitas, as crianças com o auxílio da tecnologia acessam diversas informações. Cada vez mais cedo é exigido delas a compreensão da leitura e da escrita. Entendo que é necessário modificar o olhar sobre a educação.

Diante disto surge uma indagação que me desafia: “Será que a Educação Infantil atual satisfaz as necessidades intelectuais e emocionais das crianças no que tange a autonomia?”.

Como pesquisadora e produtora do conhecimento, penso que, os estudos no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, permitiram caminhos que me orientaram na busca por uma resposta.

Este caminho começou a se concretizar quando recebi de forma inesperada o resultado da prova de seleção. Recebi várias mensagens de texto no celular me parabenizando e, elogiando a minha trajetória profissional. Fiquei um pouco confusa sem entender o motivo de tantos elogios, principalmente partindo da gestão escolar. Foi então que a coordenadora da Educação Infantil da SEMED (Secretaria Municipal de Educação) de Lauro de Freitas ligou para mim dizendo o resultado.

A partir daquele momento respirava mais aliviada, mas não menos preocupada. Agora, em relação aos documentos exigidos para a matrícula, o local de instalação do curso, a família que deixaria por mais um dia.

No momento de organizar os documentos, percebi que faltava o histórico escolar. Resolvi procurar a instituição de ensino superior, onde havia cursado Pedagogia. Fui orientada a fazer a solicitação pelo *call center* e dentro de trinta dias estaria com o meu histórico.

Fui tomada por uma angústia enorme devido, ao prazo que não coincidia com o do edital para efetuar a matrícula. Antes de adentrar em total desespero, resolvi procurar minha antiga coordenadora de Pedagogia. Esta, com boa vontade ajudou-me a apressar a entrega do histórico.

Mais uma vez agradecia a Deus e, respirava aliviada por esta conquista. Fiz a matrícula e descobri que o curso começaria no final de semana seguinte e não em 2015 como acreditava.

Com mais uma etapa vitoriosa da minha vida, deixei-me inundar de alegria, fé e força para continuar. O apoio da família e, a certeza que este curso iria me apoiar, como docente, é fundamental para o meu avanço contínuo, buscando sempre o melhor para as crianças.

Já no seminário de instalação do curso fui surpreendida pela organização e temas abordados, bem como, pelos depoimentos emocionados de colegas que, assim como eu, tiveram obstáculos até aquele momento. Fui para casa com a sensação de leveza, de magnitude, de plenitude.

No encontro seguinte, embasadas no tema, Festa da palavra dita e escrita, tive certeza que estava no local certo, que tinha valido à pena o esforço. Que aula maravilhosa, que partilha enriquecedora, momentos inesquecíveis que permitiram uma construção de conhecimento muito significativa.

Assim, cito Freire que diz: “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 2015, p. 33). Desta forma, sinto-me entusiasmada para continuar minha caminhada que apenas se iniciou com esta Especialização.

Repensando o trecho que destaco o seminário de instalação do curso, penso que poderia ter acrescentado uma frase evidenciada pelo professor Claudemir Belintane: “O esplendor da manhã não se abre com faca”. Esta frase traduz o papel do professor, de mediador, de facilitador, provocador sensível às necessidades das crianças.

Após um período de descanso fomos recebidas pelas orientadoras e organizadoras do curso com a proposta de nos dividirmos em três turmas e, cada uma participaria de uma oficina com os seguintes temas: Linguagem, oralidade e cultura escrita; Expressão e arte na infância; Brinquedos e brincadeiras no cotidiano da Educação Infantil.

A minha turma foi presenteada em ser a primeira a estar com o professor mais comentado naquele momento, José Carlos Rêgo “Pinduka”.

Fomos acolhidas por ele com uma bela música, criada e interpretada pelo mesmo. Seguimos com discussões sobre a compreensão que cada uma possuía sobre arte, como esta se fez presente em nossa infância e a nossa experiência com arte, dentro e fora da escola. Discussão esta que provocou emoções expressadas das mais diversas formas e, entre sorrisos e lágrimas, fomos descrevendo nossas vivências.

Diante do exposto e experimentado através da oficina, comecei a repensar minha prática e, percebi a necessidade de mudança. Neste sentido decidi priorizar, a partir dali a ampliação do repertório gráfico das crianças, através de atividades que explorem diferentes marcadores (tinta guache, giz de cera, esponja, etc.) e suportes (papel, lixa, parede, etc.).

Além disso, devo considerar uma tríade que, segundo Pinduka, é fundamental para um resultado positivo com este objetivo, APRECIAR-FAZER-CONTEXTUALIZAR.

Para tanto, destaco Mèredieu (2001, p. 18), “Como a elaboração do sistema gráfico é paralela à evolução psicomotora [...]”, convém adotar um processo progressivo e evolutivo que leve em conta o fato de que a criança está em perpétua mutação, tudo o que diz respeito à criança (suas experiências, sentimento, crescimento...) atua sobre essa evolução dos signos da linguagem plástica.

Com a conclusão da oficina de expressão e arte, expusemos nossos trabalhos práticos com uma técnica escolhida por nós. Tornou-se visível que podemos cativar e criar possibilidades para nossas crianças em um espaço onde a arte seja realmente a expressão de emoções. Pinduka também solicitou a construção, aplicação e avaliação de uma sequência didática para experimentar diferentes técnicas de arte visual, tendo como base a tríade citada acima.

Dando continuidade ao cronograma de atividades do curso, iniciamos os Estudos de Aprofundamento: Infâncias e crianças na cultura contemporânea e nas políticas de Educação Infantil – Diretrizes Nacionais e contextos municipais, orientados pela professora Marlene Oliveira dos Santos.

Após o acolhimento feito com uma leitura dinâmica, duas palavras chaves seriam objeto de estudo a partir dali, criança e infância. A primeira atividade foi conceituar estas palavras a partir do nosso conhecimento prévio.

Considerando o contexto social e cultural, diferentes concepções acerca de criança e infância foram evidenciadas pela professora Marlene. Vimos a contribuição dos campos científicos da Antropologia, Sociologia e Filosofia na concepção de infância.

Através das reflexões, concluí que ser criança é diferente de ter infância, apesar de se complementarem devemos observar o contexto social no qual a criança está inserida. E enquanto educador a ter propriedade destes elementos considerando-os na minha prática docente.

Como proposta de aprofundamento de estudo, fizemos a leitura de dois textos selecionados por Marlene durante a semana. Estes textos apoiaram a escrita de um texto dissertativo argumentativo, como suporte de fundamentação teórica para analisar os conceitos de criança e infância escritos pelas colegas de curso.

Reafirmando a análise da concepção de infância, percebida no cotidiano enquanto educadora, cito Sirota, (2001, p. 10), que no texto “Emergências de uma sociologia da infância: Evolução do objeto e do olhar”, traz a infância como uma construção social, dependente ao mesmo tempo do contexto social e do discurso intelectual.

O estudo dos textos e escrita da atividade possibilitaram a percepção de que como profissional de educação, devo priorizar a infância como etapa fundamental para construção de um ser crítico-social. Adotando como recurso atividades como, a construção de combinados, onde sugestões partem das crianças, a construção das regras de convivência no ambiente escolar, as medidas que podem ser tomadas em casa e na escola para evitar o desperdício de água, entre outras.

No encontro seguinte discutimos em grupo menores e, depois na plenária, todos os textos lidos. Neste momento pude perceber o olhar que cada um imprime naquilo que vê e ouve. Fomos além dos textos e, adentramos em nossa realidade debatendo sobre a situação atual da Educação Infantil em Salvador e região metropolitana.

Neste sentido, notei a necessidade enquanto educadora, de me apropriar das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, refletindo sobre a postura de cada um frente aos problemas enfrentados na educação num cenário geral. Considero a importância de atitudes permanentes como a nossa presença e sugestões dentro das políticas públicas para educação.

Dando continuidade aos estudos, Marlene sugeriu que fizéssemos uma entrevista com a coordenadora ou vice-diretora da instituição de ensino acerca das DCNEI. Para tal, apropriei-me de um olhar imparcial e persistente, frente à opinião do outro.

Através da entrevista e observando as práticas realizadas na instituição de ensino, onde também sou docente, percebi que existe um olhar diferenciado para a Educação Infantil, e confiro este fato como consequência da atualização da Proposta Pedagógica e Curricular. A mesma teve participação do corpo gestor, coordenação, educadores e pais, como prevê as DCNEI ao afirmar que:

> A gestão democrática da proposta curricular deve contar na sua elaboração, acompanhamento e avaliação tendo em vista o Projeto Político-Pedagógico da unidade educacional, com a participação coletiva de professoras e professores, demais profissionais da instituição, famílias, comunidade e das crianças, sempre que possível e à sua maneira. (DCNEI, 2009, p. 86).

Atualmente nota-se a importância de se apropriar do contexto histórico, social, cultural e político que envolve a educação e, ainda orientar as práticas docentes com um documento mais peculiar e adequado à diversidade cultural e social de cada município.

> O reconhecimento da constituição plural das crianças brasileiras, no que se refere à identidade cultural e regional e à filiação socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa, é central à garantia de uma Educação infantil comprometida com os direitos das crianças. (BRASIL, DCNEI, 2009, p. 90)

Sem deixar de considerar o Plano Nacional de Educação é necessária a criação e/ou revisão do Plano Municipal de Educação. Este documento deverá estabelecer metas, estratégias, finalidades de acordo com a decisão coletiva e valorizando a identidade explicitada em cada região.

Através do componente Infância e crianças: Diretrizes nacionais e contextos municipais, realizei algumas inferências em minha prática, priorizando, por exemplo, a organização do ambiente com brincadeiras previamente selecionadas para oferecer oportunidade de interação, autonomia e aprendizado, inspirada em Freire quando diz que: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer’”. (FREIRE, 2015, p. 39).

Com o mesmo pensamento de refletir e agir considerando a prática pedagógica foi proposto o componente da professora Maria Elisa Pacheco, que preferivelmente apresentou-se como Mel e, fazendo uma breve explicação do que trataria os encontros acerca da disciplina Metodologias de Pesquisa e Educação Infantil, foi logo “tocando o terror”, palavras da própria Mel.

O sentimento de angústia foi instaurado a partir daquele dizer, a situação ainda se tornaria mais angustiante quando Cristiana, amiga do curso desistira de continuar a especialização. Com palavras firmes sobre sua decisão de abandonar o

curso, Cris deixou o espaço e um vazio que invadiu meu coração, a ponto de chorar incontrolavelmente.

Naquele momento eu não imaginava o quanto uma pessoa que conhecera há pouco tempo, faria tanta falta. Tal situação me fez perceber também que eu poderia de algum jeito influenciar sua decisão para que retornasse. Para minha alegria, Cris decidira voltar após as conversas com amigas e a nossa querida professora Ana Paula.

No encontro posterior Mel orientou a realização do inventário a partir da prática docente como início dos estudos para a construção do projeto, juntamente com o estado da arte e a revisão de literatura.

A cada etapa do projeto a escrita tornava-se mais difícil, a sensação era de impotência diante do exposto, o sentimento ainda piorava após a fala pouco animadora da professora Mel acerca das atividades.

A escrita foi rasurada, mantida, acrescentou-se ideias, retirou-se afirmações, foi um alvoroço. “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas como aços espelhados”. (LISPECTOR, 1990, p. 19).

À medida que a escrita foi avançando, tivemos como atividade um seminário, através do qual estaria exposto tudo que havia sido construído, oportunizando uma experiência significativa, embora não muito confortável. Para este seminário contei com o auxílio da professora Ana Paula e da minha orientadora, Fernanda Almeida.

O dia do seminário chegou trazendo um misto de ansiedade e alívio por ter concluído mais uma etapa do trabalho. Ao final do dia o sentimento foi de alegria pelos elogios da professora convidada e a orientadora que, além disso, sugeriram alterações a serem realizadas contribuindo para o desenvolvimento do projeto baseado na Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial.

“Neste sentido a etnopesquisa crítica é uma pesquisa de natureza qualitativa, visando compreender e explicitar a realidade humana tal qual como é vivida pelos atores sociais em todas as perspectivas possíveis”. (CABRAL e SILVA, 2010, p. 3).

Continuei aprofundando meus estudos, tendo em vista o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), com ajuda da orientadora Fernanda sempre muito atenciosa e

compromissada. Sei que ainda tenho muito trabalho pela frente, mas a cada etapa sinto mais confiança e, vontade de viver cada momento, buscando aproveitar a experiência não apenas profissionalmente, mas, sobretudo pessoalmente.

O componente seguinte trouxe a professora Cíntia Seibert com o título para estudo de Natureza e cultura: conhecimentos e saberes.

O estudo permitiu a reflexão acerca da perspectiva do professor que faz parte do processo de aprendizagem e as mudanças ocorridas na prática após o início do Curso Docência na Educação Infantil. A prática foi repensada e modificada considerando a relação com seus pares, a socialização demonstrando respeito ao outro, a multiplicação de ideias dentro da unidade escolar, etc.

Esse pensamento de mudança na prática permeia todo o tempo o fazer pedagógico e, durante os estudos de Cíntia foi possível rever e analisar muitas ações. Dentre elas destaco a organização do espaço escolar.

> Pensar o espaço educativo não se restringe, pois, a pensar a sala, espaço edificado, interno, mas a pensar que todos os espaços da instituição são extensões uns dos outros e, como tais, merecedores de um olhar mais aguçado e comprometido com as relações que ali se estabelecem. (KRAMER e ROCHA, 2011, p. 164).

Fui para a sala pensando cada dia em propor um espaço diferente para as crianças, em organizar cantinhos dentro e fora da sala de aula, considerando o aprendizado das crianças e oferecendo atividades diversificadas.

Ainda tratando de mudanças, através do componente: “Necessidades Educativas Especiais – Política e História”, pude notar quantas ações são feitas em sala pelo professor com o intuito de incluir o aluno com algum tipo de déficit, mas que na verdade são excludentes.

“Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área” (BRASIL, MEC/SEESP 2007, p. 12).

Outro ponto discutido durante as aulas foi, a inclusão também na formação do professor, do preparo emocional, pedagógico e social deste, quando é colocado diante da obrigatoriedade de trabalhar com o aluno deficiente.

“Não trabalhamos com a deficiência e, sim com a potencialidade do aluno, com estimulação”, fala da professora Cláudia Pedral em Janeiro de 2016. Essa fala deixou claro qual é o papel do educador frente à inclusão, considerar aquilo que a criança tem de potencial para avançar.

Com a professora Jucineide Melo foi apresentada a oficina Linguagem, oralidade, cultura e escrita.

Todas as aulas iniciavam com algo diferente, a exemplo de música, história, objetos que eram dispostos na sala, com a intenção de vivenciar e refletir sobre a rodinha na Educação Infantil. Aprendemos a incluir elementos variados em nossas aulas, de forma vivencial! Foram momentos inesquecíveis, que oportunizaram mudanças na prática de cada uma de nós que estava ali, de acordo com os relatos das professoras participantes.

Foram propostas algumas discussões acerca das interações da criança com o meio, rotinas com bebês, técnicas corporais, a rodinha como instrumento pedagógico, o letramento além do ato de escrever, entre outras. Todas com apoio teórico, à exemplo de Oliveira (2011), Guimarães (2008), De Angelo (2007), Soares (2007), Montenegro (2005), Kohan (2003), dentre outros, que tem suas teorias descritas no livro de Barbosa (2008).

“As crianças comunicam-se por diferentes linguagens, por gestos, expressões, olhares, pela palavra”. (BRASIL, MEC/SEB, 2012, p. 16).

As aulas possibilitaram compreender que o professor tem papel fundante para aprendizagem da linguagem e, que esta não se constitui apenas na forma verbal. Podemos e devemos explorar as mais variadas experiências que envolvam a comunicação da criança com o mundo a sua volta.

“Contextos significativos possibilitam experiências ricas para as crianças no conhecimento do mundo social, matemático, artístico etc. Na educação infantil, essas experiências ocorrem nas brincadeiras”. (BRASIL, MEC/SEB, 2012, p. 30).

E foi relembrando as brincadeiras da infância que começamos a oficina “Brinquedos e brincadeiras no cotidiano da educação infantil”, mediada pela professora Leila Soares. Foi muito bom voltar um pouco no tempo e notar que

construí uma relação agradável com o brincar e, como essas experiências influenciam até os dias de hoje em minha vida pessoal e profissional.

Foram muitas as brincadeiras e discussões sobre a importância do brincar na educação infantil, inclusive uma visita ao projeto criança na UFBA, através do qual as crianças podem brincar como queiram sem um cronograma específico que permeia alguns eventos para crianças.

“[...] Ao imaginar que as crianças nascem sabendo brincar, que não precisam aprender, que brincam em todo lugar e com o que existe, concluem inadequadamente que nada precisa ser feito”. (BRASIL, MEC/SEB, 2012, p. 33).

Este pensamento equivocado ainda permeia o universo da educação infantil. E aí é que se torna fundamental o papel do professor que compreende que a criança não nasce sabendo brincar. Este papel inclui ações que possibilitam experiências diversificadas com o brincar, mediam brincadeiras diversas, disponibilizam objetos diferentes, garantem espaços onde a criança possa correr, pular, saltar, etc.

Finalizamos com muita alegria e sensação de que aprendemos e compartilhamos muita riqueza. E as vivências que tivemos durante o curso nos permitem além de transformar a prática de cada uma, notar que somos multiplicadoras de conhecimento, levando para o cotidiano pensamentos e ações positivas, por que estar na educação infantil foi nossa escolha.

3. TEORIA E PRÁTICA: DIÁLOGO NECESSÁRIO NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA INFANTIL

A autonomia como um processo que é construído ao longo do tempo, está ligada a uma fase inicial de amadurecimento, na qual o sujeito, no caso, a criança, está inserido num processo para desenvolver determinadas ações como, por exemplo: cuidar do próprio corpo, calçar sapatos e amarrá-los, alimentar-se sozinho, etc. Os adultos devem utilizar regras em momentos específicos orientando as crianças, para que ela possa, cada vez mais, ser capaz de orientar sua própria prática.

> Na Educação Infantil, todavia, a especificidade da criança bem pequena, que necessita do professor até adquirir autonomia para cuidar de si, expõe de forma mais evidente a relação indissociável do educar e cuidar nesse contexto. (BRASIL, DCNEI, 2009, p. 89).

A criança é um sujeito que deve ser respeitado em sua integralidade. Ao desempenhar suas atividades, o sujeito envolve sua personalidade, seus conhecimentos, sua afetividade, sua cultura, de modo integrado. Nessa perspectiva, a escola, deve entender que a criança deve ser “centro do planejamento curricular...” (BRASIL, DCNEI, 2009, p. 86).

Na perspectiva freireana a autonomia é compreendida como processo de liberdade e produção histórica e social, embasada em experiências nas quais o educando possa fazer escolha e tomada de decisões, para aprimorar sua capacidade de autogovernar-se, logo Paulo Freire adota uma compreensão mais complexa com relação a autonomia. O autor ainda acrescenta que isto não acontece de repente, é uma construção que tem a participação da família e dos educadores como mediadores desse processo de amadurecimento.

> Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para fazer seus deveres escolares? Por que o melhor tempo para a tarefa é sempre a dos pais? Por que perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? (FREIRE, 2015, p. 105).

Muito mais que amarrar um cadarço, ou se vestir sozinho, autonomia é um processo no qual a criança deve ser estimulada a, cada vez mais, pensar e resolver situações sem precisar de uma terceira pessoa. Neste processo, o papel do professor se faz

importante, pois é ele quem vai possibilitar situações estimulantes para que a criança consiga pensar e agir.

> A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. (FREIRE, 2015, p. 39).

Formas autoritárias de agir com o aluno, ações que inibem a autonomia da criança, seu direito à liberdade de pensar e agir no mundo que o cerca, não devem ser reforçadas pelo professor que se preocupa com a liberdade do educando.

> O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites a liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário que, por isso mesmo, afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licencioso, rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua inclonclusão assumida em que se enraíza a eticidade. (FREIRE, 2015, p. 58-59).

Considerando a autonomia, destaco que no processo de auxílio e cuidado com a criança pequena, família e educadores atuam conforme entendem implicitamente que seja seu papel no processo de estimulação dessa criança "[...] para que ela desenvolva suas aptidões e até possa antecipar suas capacidades, a partir de um processo de observação constante dos aspectos que esteja incorporando, para conseguir melhorar suas capacidades". (BASSEDAS, HUGUET e SOLÉ, 1999, p. 24-25).

Neste processo é necessário que a criança participe de situações na interação com outros, onde elas percebam atitudes, "interiorizem os objetivos, os procedimentos e as regulações que vão compartilhando com a outra pessoa mais capaz". (BASSEDAS, HUGUET e SOLÉ, 1999, p. 24). Neste caso a pessoa em questão, citada como mais capaz seria o educador.

O professor pode propor atividades que envolvam jogos e brincadeiras no cotidiano da criança, favorecendo um ambiente favorável para o desenvolvimento de suas capacidades, no que tange a autonomia. Durante as atividades o professor

poderá aproveitar as situações que surgirem para auxiliar as crianças em como resolver possíveis situações conflitos.

> As ajudas devem ser adequadas ao nível de dificuldade que a criança pequena pode apresentar para fazer aquelas atividades: com menos competência, necessitará de mais ajuda. Depois, à medida que a criança vai adquirindo mais competência, deve-se diminuir a ajuda e aumentar as exigências, para avançar, desde uma prática muito orientada, até chegar-se a uma ajuda mais indireta para ela conseguir uma prática autônoma. (BASSEDAS, HUGUET e SOLÉ, 1999, p. 29).

Com estas práticas durante o processo de educação infantil é possível que a criança conquiste a autonomia de suas capacidades, de forma natural e prazerosa.

Ao se discutir os processos de construção da autonomia da criança, considerando a prática educativa, torna-se interessante abordar temas que fazem parte do contexto infantil, tais quais: controle de esfíncteres, alimentação, higiene pessoal, uso da linguagem oral por parte das crianças para expor seus desejos e equipamentos eletrônicos na educação infantil.

É importante também destacar a necessidade de formação para as auxiliares de classe, já que estão diretamente com as crianças durante o processo, muitas vezes sem intermédio do professor.

A conquista da autonomia infantil também passa pelo controle das necessidades corporais, fisiológicas, a exemplo da progressiva retirada de fraldas, a partir do controle dos esfíncteres, da aprendizagem de alimentar-se sem o auxílio do adulto, da higiene pessoal e, do uso da linguagem oral para informar necessidades e vontades ao invés do uso do choro como forma de chamar a atenção dos adultos.

3.1 CONTROLE DE ESFÍNCTERES

O controle dos esfíncteres, ou seja, o controle do xixi e cocô, é algo esperado como conquista da criança por volta dos 3 anos, tanto para a família como para a escola.

Molhar as calças, fazer cocô na roupa, sentado, durante a brincadeira e até mesmo no caminho para o banheiro é algo muito comum no ambiente infantil.

Mas, como os adultos podem auxiliar a criança para a conquista do controle dos esfíncteres na Educação Infantil? “A atenção ao nível de desenvolvimento neuromotor da criança poderá contribuir para facilitar o treino”. (SILVARES, 2013, p. 20).

Alguns aspectos devem ser considerados pelo professor e outros profissionais que lidam diretamente com os pequenos, para ajuda-los durante o processo, à exemplo de, não criticar a criança quando houver imprevistos e não puni-la por não ter segurado a vontade; garantir que a criança possa sentar-se no vaso adequadamente; elogiar sempre que a criança conseguir se manter seco e sem se sujar; a regularidade e frequência na ida ao banheiro; entre outros

O papel do adulto é importante durante esse processo, o ideal é conversar sempre com a criança sobre a vontade de fazer xixi e cocô, dialogar também com a família para tentar manter uma sintonia entre as ações.

“Fazer de cada etapa do treino uma estimulante e divertida brincadeira ou hierarquizar as etapas, de modo que a criança sempre se sinta vencedora, é a chave para o sucesso”. (SILVARES, 2013, p. 22).

É necessário a intervenção e compreensão do adulto como agente potencializador neste processo, proporcionando um ambiente agradável, sem exigências em excesso, onde ela possa cada vez mais desenvolver suas potencialidades naturalmente.

Também se faz necessário compreender que cada criança tem seu tempo, embora recebam o mesmo estímulo. Segundo Torrecilha (2009, p. 1). “Ela realmente precisa processar dentro dela a necessidade de renunciar a esse prazerzinho

porque senão ela só faz por temor e não por amor". Disponível no endereço eletrônico, ver referência página 47.

Ações repressoras do adulto diante da criança que ainda não consegue controlar os esfíncteres e, suja as calças, podem causar consequências negativas no momento e no futuro. Deve-se haver uma cuidado com as ações a serem tomadas neste momento, principalmente em público.

Ainda considerando aquilo a que o profissional de educação deve estar atento, destaco os fatores que podem influenciar no treinamento do controle dos esfíncteres, tais como:

> "[...] sexo, raça, fatores culturais, idade de início do treinamento, tentativas prévias sem sucesso, eventos estressantes na vida das crianças (nascimento de irmãos, separação dos pais, mudança de casa) e o temperamento da criança". (BARROS e MOTA, 2008. Disponível em endereço eletrônico, ver referência página 49

No que tange às crianças com necessidades educativas especiais, é possível notar uma tendência por parte do educador ou auxiliar de classe em ignorar a criança, antecipar respostas, fazer por ela.

"Esse profissional precisa se colocar à disposição do estudante para gerar segurança, mas é preciso distinguir quando ajuda-lo e quando deixar que ele tente fazer as atividades por si mesmo". (CAMILO, 2013, p. 98).

Para dizer, é preciso amor e entendimento por parte do adulto sobre o seu papel no processo de aquisição de controle dos esfíncteres das crianças.

3.2 ALIMENTAÇÃO

A alimentação faz parte do desenvolvimento da criança e é fundamental para o seu crescimento, constitui um dos momentos mais prazerosos vividos pelas crianças. Momento de experimentação, desenvolvimento dos sentidos com a descoberta de sabores e texturas, interação social, desenvolvimento da autonomia,

entre outros. “Os momentos das refeições constituem uma prática social e cultural que precisa ser aprendida e realizada com autonomia pelas crianças”. Disponível em endereço eletrônico, ver referência página 48.

Considerando a autonomia, quais ações tornam-se interessantes para serem realizadas pelos educadores, em relação a alimentação na educação infantil?

Através do planejamento do professor, é possível propor a oferta de alimentos atrativos e diversificados, a organização de um ambiente tranquilo para o momento da refeição, onde a criança possa servir-se com segurança, prazer e autonomia, o acolhimento e respeito pelas preferências das crianças, entre outras ações.

> É recomendável que os professores ofereçam uma variedade de alimentos e cuidem para que a criança experimente de tudo. O respeito às suas preferências e às necessidades indica que nunca devem ser forçadas a comer, embora possam ser ajudadas por meio da oferta de alimentos atraentes, bem preparados, oferecidos em ambientes afetivos, tranquilos e agradáveis. (BRASIL, MEC/SEF, 1998, p. 55)

Outros procedimentos podem ser necessários para as crianças com necessidades educativas especiais, como a observação da consistência do alimento, a posição da criança para evitar engasgos, etc. Além disso o diálogo com a família é fundamental para conhecer a rotina da criança em casa e suas preferências alimentares.

“Ser forçado a comer de maneira coerciva pelos pais pode afetar o desenvolvimento psicológico e facilitar casos de depressão e até delinquência”. Disponível em endereço eletrônico, ver referência página 48.

É preciso ter cuidado com ações coercivas com a criança, forçando ela a comer. Pois esta ação como descrito na passagem acima, poderá causar consequências negativas para os pequenos. Acredito que o educador preocupado com o desenvolvimento da autonomia, pode pensa-la como sinônimo de liberdade. Liberdade para ser quem a criança é, com sua inquietude natural e liberdade para estar em ambientes favoráveis ao seu crescimento.

3.3 HIGIENE PESSOAL

É fundamental para o ser humano o cuidado com a higiene pessoal, banho, escovação, lavar mãos antes das refeições e após usar o sanitário, cortar as unhas, lavar cabelos, entre outros.

As crianças precisam ser lembradas destas ações, lavar as mãos, escovar os dentes, tomar banho. Para favorecer o desenvolvimento da autonomia, é necessário que a criança tenha acesso à água, a toalha, ao sabonete, a escova de dente, ao creme dental, sob observação do adulto.

“Como a criança aprende muito pela observação e imitação é importante que ela presencie adultos e outras crianças fazendo sua higiene bucal, ao mesmo tempo que poderão ampliar seus conhecimentos.” (BRASIL, MEC/SEF, 1998, p. 56). O professor pode planejar ações individuais e em grupo para estimular atitudes de autocuidado com a boca, com os dentes e com o corpo.

O banho incluído na rotina além da higiene pessoal pode servir “[...] também para relaxar, refrescar, proporcionar conforto e prazer e preservar a integridade da pele”. (BRASIL, MEC/SEF, 1998, p. 57). É um momento de bem-estar, de interação com adultos e com outras crianças, elas experimentam sensações através dos sentidos, tendo contato com objetos e com a água.

É papel do educador organizar tempo e espaço para que esses procedimentos além de, observar o que a criança já consegue realizar sozinha e para que tarefas ela precisa de ajuda. É importante também a adequação do espaço, a exemplos do tamanho de pias, sanitários, torneiras, o registro do chuveiro, a saboneteira, entre outros.

O cuidado com as crianças com necessidades educativas especiais, também tem que ser observado e ações que estimulem o desenvolvimento da autonomia e autocuidado com o corpo, devem ser incluídas no planejamento do professor.

3.4 USO DA LINGUAGEM PELAS CRIANÇAS

As crianças já nascem imersas em um mundo em que a oralidade está marcadamente presente, através das interações estabelecidas entre crianças e adultos, crianças e outras crianças. Geralmente, além da percepção das sensações, dos olhares e do toque, há a linguagem oral. “É na interação social que as crianças são inseridas na linguagem, partilhando significados e sendo significadas pelo outro”. (MEC/SEF, 1988, p. 24).

O professor deve estar atento a qualquer tipo de linguagem da criança, não só a linguagem oral. Gestos, expressões corporais e faciais, olhares, choro, sorriso constituem linguagens estabelecidas pelas crianças, que muitas vezes passam despercebidas pelo educador.

É importante perceber principalmente na creche que a linguagem apresentada pelas crianças é, sobretudo uma linguagem corporal. Considerando a autonomia da criança, o profissional de educação, pode permitir a valorização das iniciativas e experiências das crianças. Para isso ele pode incluir em sua rotina, técnicas corporais que possibilitem o desenvolvimento das possibilidades sensoriais, motoras, afetivas e de comunicação, como o olhar e o toque. “Na creche, uma das técnicas corporais aprendidas é a ocupação do chão para deslocamento...” (BARBOSA, 2008, p. 51).

A sensibilidade do educador é fundamental para acolher e valorizar as diversas linguagens no contexto da educação infantil.

3.5 EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para as crianças recursos tecnológicos como computadores, internet, videogames, telefones celulares, tablets, iPods, entre outros, fazem parte da rotina de muitas delas, assim como telefone e energia elétrica são corriqueiros para os adultos.

Esses recursos também estão em alguns ambientes de educação infantil. “É ilusório imaginar que eles não interferirão cada vez mais nas escolas, cuja função,

inclui informar e comunicar". (MENEZES, 2012, p. 90). Desta forma, como professores podem potencializar o uso dos recursos digitais dentro dos espaços escolares, favorecendo a construção da autonomia?

Atividades com jogos, filmes, vídeos, músicas, imagens em três dimensões, podem ser utilizadas com auxílio desses recursos digitais. É possível, por exemplo, acessar imagens de paisagens naturais e culturais da própria região onde a criança vive, para enriquecer o estudo sobre o assunto. Utilizar jogos que as crianças possam usar o raciocínio lógico, softwares que permitam o uso de imagens e cores. Tudo isso através da mediação do professor que poderá possibilitar o contato direto das crianças com estes recursos.

O cuidado com o uso das tecnologias deve ser considerado pelo professor. Segundo Menezes (2012, p. 90), "O essencial, naturalmente, é que o tecnológico esteja a serviço do pedagógico e não o contrário".

À serviço do desenvolvimento da autonomia, enquanto educadores, podemos refletir sobre o uso dos recursos tecnológicos, "[...] que vão além das habilidades instrumentais, como a coordenação entre o olhar e as mãos". (VENN e WRAKKING, 2011, p. 7).

Incluir recursos que são naturais para as crianças, não é tarefa fácil para adultos que, muitas vezes, estão distantes desta realidade. Neste sentido, cabe sempre ao educador um olhar sensível às necessidades dos alunos, assim como formação continuada e pesquisa acerca do universo infantil.

4. ABORDAGEM METODOLÓGICA

4.1 MÉTODO E TIPO DE PESQUISA

A abordagem etnográfica de pesquisa foi definida para esta pesquisa por estar em sintonia com o referencial teórico adotado, bem como para mostrar adequado no encaminhamento da pergunta formulada.

“O desenvolvimento de uma etnopesquisa exige do etno/pesquisador o delineamento de um caminho que o leve a descrever, interpretar e compreender o outro, o fazer do e com o outro.” (SILVA e CABRAL, 2010).

Através de um planejamento prévio, foi definido a própria prática, mediante observações e constantes reflexões sobre o roteiro que orientou o trabalho em campo.

Foi utilizado o diário de bordo para registro das observações. “Aqui, a informação é o registro da vida ao vivo...”. (MACEDO, 2004, p. 146)

4.2 CAMPO DE PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada na Escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilela, localizada na rua São Mateus, número 46 no Bairro Vila Praiana, zona urbana de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador. A escola atende a, aproximadamente, 250 alunos da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental, na faixa etária de 4 até 12 anos. A escola foi fundada em 1998, apresentando a ato de criação: 711/91, portaria de autorização: 180/98 publicado no Diário Oficial de 15 de outubro de 1998.

A referida escola possui 14 salas de aula, secretaria, depósito, diretoria, sala dos professores, biblioteca, sala de informática, cozinha, banheiros e área externa.

O corpo profissional é formado pelo corpo gestor com a diretora e duas vices diretoras, 28 professores, 4 auxiliares de classe, 6 cuidadoras, 4 secretários, 4 zeladores, professores de atividades diferenciadas (que mudam de acordo com a demanda da Secretaria de Educação do Município) e dois porteiros.

Trata-se de uma escola de porte grande atendendo a uma comunidade carente da região, em que as famílias sentem-se acolhidas, principalmente, por desenvolver algumas atividades circenses. Em uma parceria com um projeto social do munícipio que oferece às crianças aulas de perna de pau e dança, os alunos da escola recebem estas aulas no espaço da própria escola, em seu horário de aula.

A escolha desta escola ocorreu considerando que a inquietação que deu origem ao meu inventário, o repensar do meu fazer pedagógico surgiu de uma turma desta escola.

> As formas de construção de conhecimentos originadas da vida cotidiana escolar são significativas para pensar e repensar a prática pedagógica e é através dela que se concretiza a práxis educacional, onde se constituem ações instituídas e instituintes do fazer da educação. (CABRAL e SILVA 2010, p. 2-3)

É indispensável, portanto, que o movimento de práxis erija das nossas experiências cotidianas e que a pesquisa seja um elemento capaz de trazer elementos reflexivos que nos ajudem a repensar as práticas pedagógicas, tendo a perspectiva de transformar essa mesma realidade que a inspira.

4.3 SUJEITOS

Nesta pesquisa os sujeitos são alunos de 4 anos que compõem uma turma com 25 crianças, de uma Escola Municipal de Lauro de Freitas, além da professora cuja experiência na educação corresponde a 20 anos e possui formação em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia. E da auxiliar de classe da respectiva turma pesquisada, concluinte no curso de Pedagogia e experiência na educação correspondente a 7 anos.

A perspectiva metodológica que norteou a realização desta pesquisa foi a etnopesquisa. Esta é uma abordagem onde há uma olhar relevante para os sujeitos da pesquisa. O etnopesquisador “não considera os sujeitos de estudo um produto descartável de valor meramente utilitarista” (MACEDO, 2004, p. 30). Desse modo, registro o mais profundo respeito aos sujeitos que contribuíram para o sucesso desse pleito.

As crianças, assim como os adultos, foram percebidas enquanto seres sociais participantes do mundo em que vivem e atuam, sem desconsiderar suas especificidades, inquietude e curiosidade natural.

4.4 INSTRUMENTOS OU DISPOSITIVOS

Com base na análise das observações, diário de campo, seguindo um roteiro de observação previamente construído, como dispositivo de pesquisa, bem como, no embasamento teórico que orientou este estudo, foram discutidos e interpretados os dados produzidos, objetivando talvez a possibilidade de responder à pergunta do problema de pesquisa: Como o docente da Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia da criança?

Utilizei como dispositivo o diário de campo, pois “[...] permite melhor nos situarmos nos meandros e nuances em geral descartados (nem por isso pouco importantes) da instituição pesquisa [...]”. (MACEDO, 2004, p.195).

A partir da questão da pesquisa e considerando o embasamento teórico sobre o tema, foi elaborado um roteiro com pontos a serem observados durante a realização da etapa de campo, conforme disponível no Apêndice.

> Portanto, ao narrar despojada e minuciosamente seu vivido de pesquisador, o sujeito se performa também, daí a pertinência formativa do diário de campo, que, aliás, em alguns centros formadores, toma feições que transcendem a pesquisa, transforma-se num instrumento generalizado de auto formação. (MACEDO, 2004, p. 196).

O diário de campo foi um instrumento prazeroso, que possibilitou a reflexão sobre a minha prática também.

4.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pensando nas observações foi necessário um caderno, onde foram anotadas informações que posteriormente foram analisadas.

O trabalho de campo envolveu observações de aulas, de recreio, de parque, e de outros momentos em que a prática docente esteve ligada a criança, e foram

usadas as notas de observação para facilitar a retomada das informações posteriormente.

> Muitos pesquisadores preferem, além de utilizar pequenos blocos de notas, usar folhas pautadas com largas margens, tais margens permitem que sejam destacadas observações particulares sobre aquilo que seja de interesse, escrever notas analíticas ou anotações para o próprio pesquisador sobre um evento ou relação que se quer investigar com mais profundidade, ou, ainda, outras leituras sobre o tema que tenha sido observado, ou que tenha surgido de suas observações. (MACEDO, 2004, p. 152).

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

1º DIA DE OBSERVAÇÃO

QUINTA-FEIRA 15 /10/2015
HORÁRIO 08h às 10h
ATIVIDADE: Aula no laboratório de informática (desenho livre utilizando o programa Paint).

As crianças foram distribuídas de duas em duas no laboratório de informática, e algumas sentaram sozinhas. (21 crianças: 6 duplas e 9 sozinhas). O laboratório de informática tem 20 computadores - sendo 15 em condições de uso. Foram orientadas pela professora de informática - que não é a professora regente da turma - que ficassem livres para mexer no programa - mas não poderiam mexer em outros locais - não conversar - ficar quietos na cadeira.

Assim que uma criança deslizou a mão sobre o mouse e saiu da tela no programa - foi advertida com a seguinte frase: “-Eu já disse que não é pra mexer onde não deve e fique quieto na carteira!”.

Pude observar que após a advertência a criança diminuiu o contato com o mouse e ficou imóvel durante algum tempo.

Em outro momento uma criança, que parecia não estar satisfeita com a atividade, foi indagada: -“Angelina qual é o seu caso?”.

Durante a aula outras crianças foram perdendo o interesse pela atividade e, permaneceram assim até o final da aula.

Penso que deveria ser feita uma conversa inicial para saber os conhecimentos prévios das crianças, explicar as partes que compõem o computador, o que é o programa Paint, para que serve quais as ferramentas do Paint.

Muitas crianças estavam pela primeira vez em contato com o computador e, não sabiam manuseá-lo, ficaram dispersos por que para elas aquilo não oferecia atrativo e não tinha funcionalidade. Penso que a professora de informática não apresenta experiência com crianças pequenas e que também faltou planejamento.

Segundo o Referencial Curricular para Educação Infantil, são instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação.

2º DIA DE OBSERVAÇÃO

TERÇA-FEIRA 20/10/2015

HORÁRIO 09h 30 às 11h 30
ATIVIDADE: Brincadeira livre no pátio e, com massa de modelar.

Cheguei na hora do recreio, as crianças estavam no pátio com a auxiliar de classe brincando livremente. Às vezes pediam para a auxiliar que fizesse alguma brincadeira e, ela atendia o pedido.

O pátio não oferece parque, somente uma quadra e uma área ao lado, onde as crianças gostam de correr.

Durante o recreio duas crianças caíram e, uma acusou a outra de causar o acidente. A auxiliar chamou as duas e perguntou como foi o ocorrido, dando às duas a oportunidade de falar sobre o que ocorreu. Após esse momento ela explicou as crianças que quando se está correndo é preciso ter alguns cuidados mas, às vezes não conseguimos evitar os tombos. Depois disso chamou todas as crianças e sugeriu que brincassem de outra coisa.

Já em sala, as crianças receberam massa de modelar e a partir dessa brincadeira surgiram alguns conflitos entre as crianças. A postura da professora e auxiliar nestes momentos foram centralizadoras, somente reclamando e impedindo que as crianças continuassem brincando.

Outra forma de ter mediado a situação seria, chamar as crianças para que resolvessem a situação, propondo alternativas e acolhendo as hipóteses das crianças. Penso que do ponto de vista do desenvolvimento da autonomia, este tipo de postura da professora possibilita que a criança reflita sobre a situação e tome decisões sozinhas.

3º DIA DE OBSERVAÇÃO

QUARTA-FEIRA 21/10/2015
HORÁRIO 08h às 10h
ATIVIDADES:

1 - Contação de história: A Formiguinha e a neve

2 – Reconto da história

3 - Apreciação do vídeo sobre dança indígena

4 - Atividades impressa com conteúdos de Linguagem escrita e Matemática

Neste dia a atividade envolveu a leitura da fábula “A formiguinha e a neve”, o reconto e a apresentação do vídeo com a dança indígena chamada “Toré” (dança indígena).

Não havia relação alguma entre a leitura da fábula e o vídeo apresentado. Talvez fosse mais interessante que a história tivesse relação com o tema que seria abordado. Aparentemente essa aula não foi planejada prevendo objetivos e procedimentos a serem alcançados.

Durante o vídeo as crianças reconheceram um dos índios, falando: "-Olha lá aquele índio do passeio". Fazendo referência a um passeio feito a aldeia indígena "Tha – fe – ne", situada no bairro de Areia Branca em Lauro de Freitas.

Na ocasião a professora falou sobre os instrumentos apresentados no vídeo e, logo após distribuiu algumas atividades de linguagem escrita impressa e fixada no caderno, que assim como a fábula contada, não se relacionavam com o tema discutido no dia.

> A professora e o professor necessitam articular condições de organização dos espaços, tempos, materiais e das interações nas atividades para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho e em suas primeiras tentativas de escrita. (BRASIL, 2009, p. 93)

Acredito que a atividade poderia ter sido ampliada através da organização do espaço, de discussões sobre o modo de vida dos índios, sobre a contribuição dos índios na culinária, na medicina, na arte, etc. Até mesmo evidenciando o que foi visto no passeio e a relação também com a fábula.

4º DIA DE OBSERVAÇÃO

TERÇA-FEIRA 20/10/2015
HORÁRIO 08h às 10h
ATIVIDADE: Xerocopiada envolvendo o registro numérico de quantidades

Achei a dinâmica realizada interessante, as atividades eram diferentes e, foram distribuídas para as crianças sem prévia orientação. Quando receberam as atividades elas fizeram leitura de imagens e dedução de hipóteses, criando estratégias para responder as questões, foi interessante perceber também que elas discutiam ideias entre si, solicitando ajuda da professora somente para ter certeza da resposta.

Poucas crianças ficaram esperando auxílio da professora e esta, quando era solicitada lançava perguntas que as desafiavam a pensar sobre a resposta.

Gostei da dinâmica e considero uma atividade adequada para desenvolver a autonomia dos alunos. Talvez fosse interessante também fazer um jogo, ou uma brincadeira que envolvesse números e quantidades antes da atividade impressa e, a utilização de material concreto como tampinhas de garrafa pet.

Terezinha Nunes no texto “A matemática na pré-escola” (2011) sugere que, na pré-escola, as crianças devem ter oportunidade de usar materiais concretos ou números, segundo sua preferência, e também desenhos.

Outro fato que chamou minha atenção foi a falta de funcionalidade dada a sequência numérica fixada no quadro, ganhando o caráter apenas de decoração.

5º DIA DE OBSERVAÇÃO

QUINTA-FEIRA 27/10/2015
HORÁRIO 10h às 12h
ATIVIDADE: Brincadeira livre com brinquedos de montar.

A professora distribuiu brinquedos de montar e, durante a brincadeira observei que a mesma utilizou esse tempo para corrigir atividades, atualizar cadernetas, entre outras demandas.

Notei também que surgiram diversos conflitos entre as crianças, muitas delas choravam e batiam na tentativa de resolver, outras solicitavam interferência da professora que se mostrou autoritária ao impor decisões, castigando algumas crianças sem ao menos analisar a situação, nem ouvir os envolvidos nesta.

Penso que a professora e auxiliar poderiam dividir as tarefas para que uma delas pudessem brincar com as crianças e observar o momento da brincadeira, possibilitando a mediação de conflitos, propondo diálogo e desafiando as crianças para criarem estratégias.

O texto “Observação registro reflexão” organizado por Madalena Freire, aponta que, observar uma situação pedagógica é olhá-la, fita-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminada por ela.

Diante desta análise acredito que a brincadeira oferecia a professora um momento rico de observação, permitindo ações posteriores com base no que foi visto.

6 º DIA DE OBSERVAÇÃO

SEXTA-FEIRA 30/10/2015
HORÁRIO 08h às 10h
ATIVIDADE: carimbo com tinta guache usando as digitais dos dedos

Uma criança por vez era chamada a uma mesa, olhavam algumas imagens coloridas e impressas no papel, escolhiam qual animal gostariam de fazer e, a professora então realizava os outros passos, ficando para a criança apenas a tarefa de colocar o dedo sobre o papel.

No que tange o desenvolvimento da autonomia, penso que talvez fosse mais interessante se as crianças pudessem escolher e manusear as tintas, experimentando a textura, a quantidade de tinta, a posição dos dedos, etc. Poderia ter sido também trabalhado com as crianças uma música, um vídeo, um jogo da memória sobre animais.

“É por isso que necessitamos proporcionar situações de jogo, experiência e manipulação de objetos diversos, bem como a realização de experiências adequadas ao nível de compreensão dos meninos e meninas dessa idade.” (BASSEDAS, HUGUET e SOLÉ, 1999, p. 26).

7º DIA DE OBSERVAÇÃO

SEGUNDA-FEIRA 09/11/2015
HORÁRIO 08h às 10h
ATIVIDADE: sobras de atividades xerocopiadas que foram fixadas no caderno.

As crianças neste dia estavam muito agitadas, após uma semana sem aula, devido a uma paralização de professores da Rede Municipal de Educação. A proposta de atividade foi revisar o que já havia sido trabalhado acerca das diversas áreas do conhecimento.

Por esta atividade já fazer parte da rotina, as crianças pegam o caderno e já iniciam escrevendo o nome e a data. Como as tarefas são diferentes umas das outras, é possível num mesmo grupo tratar de vários conteúdos.

Bassedas, Huguet e Solé (1999, p. 26) afirmam que “Assim, podemos ver que os meninos e meninas dessa idade aprendem muitas coisas importantes por meio de sua própria participação nas situações mais habituais e cotidianas...”.

O interessante é perceber que as crianças ajudam umas as outras, solicitando cada vez menos auxílio da professora e auxiliar de classe. Embora cada aluno tenha uma atividade, ele acaba participando de diversas situações de maneira natural, sem imposição, que possibilitam discutir e criar hipóteses. E aquelas crianças que sentem dificuldade em responder a atividade, recebem incentivo e apoio dos colegas. Considero isso importante na construção da autonomia.

8º DIA DE OBSERVAÇÃO

TERÇA-FEIRA 10/11/2015
HORÁRIO 08h às 10h
ATIVIDADE: sobras de atividades xerocopiadas que foram fixadas no caderno.

A atividade realizada foi a mesma do dia anterior, xerocopiadas que sobraram e foram fixadas no caderno. Contudo neste dia a professora e auxiliar sentaram junto com os grupos para auxiliar as crianças.

Tendo em vista o desenvolvimento da autonomia, esta atividade não propiciou avanço na aprendizagem das crianças, por que as atividades eram repetidas do dia anterior e não oferecia nenhum desafio. Penso que ao invés da professora e auxiliar sentar com as crianças oferecendo atividades repetidas, poderiam ter oferecido brincadeiras, jogos que oferecessem desafios. Além das atividades serem repetidas, os alunos já haviam demonstrado, com exceção de alguns, que poderiam realizar as atividades sozinhos.

Insisto no jogo e na brincadeira dirigida e planejada como recursos que proporcionam desafios no processo de aprendizagem.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, de 2009, indicam que, “as prática pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, as quais devem ser observadas, registradas e avaliadas”.

9º DIA DE OBSERVAÇÃO

SEGUNDA-FEIRA 16/11/2015
HORÁRIO 10h às 12h
ATIVIDADE: Brincadeira no pátio

O que mais chamou minha atenção no momento da brincadeira foi a organização do espaço. Foi preparado um cantinho com brinquedos de montar na área externa da escola.

Percebi que as crianças gostaram e preferiram brincar com o material oferecido a correr como de costume. E durante aquela brincadeira foi surgindo situações-problema que envolveram a contagem, adição e subtração dos objetos e, conceitos matemáticos como mais e menos, cheio e vazio, maior e menor, tudo isso de forma natural e sendo auxiliado pela professora.

Achei interessante a organização do espaço, possibilitando a interação, desenvolvimento da concentração e a experimentação de hipóteses diante das situações problemas surgidas durante a brincadeira.

Do ponto de vista do desenvolvimento da autonomia penso que talvez fosse mais rico se houvesse a participação das crianças na organização do espaço e na escolha e disposição dos materiais.

10º DIA DE OBSERVAÇÃO

TERÇA-FEIRA 17/11/2015
HORÁRIO 08h às 10h
ATIVIDADE: Xerocopiadas e fixadas no caderno

Neste dia a professora estava um pouco dispersa e chamou minha atenção a atitude das crianças ao perceberem a distração dela. Os próprios alunos puxaram as músicas cantadas na rodinha, fizeram a contagem de quantos alunos havia, perguntaram o dia e a data e questionaram a professora quanto à atividade a ser realizada no primeiro momento.

Depois disso um aluno que estava bastante inquieto negou-se a realizar a atividade proposta, tentando convencer os colegas que deveriam brincar com ele no lugar da tarefa.

A postura da professora foi pedir a auxiliar que levassem as crianças após o término da atividade, para o pátio. Enquanto isso a regente e o aluno conversaram sobre a atitude dele no momento da atividade desenvolvida e, ele acabou fazendo a tarefa após a conversa.

Gostei da atitude da professora percebendo que os colegas teriam a mesma atitude de Robson e, naquele momento o melhor seria separar ele dos colegas possibilitando uma conversa mais calma sem interferências.

11º DIA DE OBSERVAÇÃO

SEGUNDA-FEIRA 30/11/2015
HORÁRIO 10h às 12h
ATIVIDADE: Brincadeira com brinquedos dispostos na sala e escolhido pelas crianças.

O fato das crianças terem num determinado momento desejado a troca dos brinquedos e isto, não ter sido permitido pela professora deixou-me um pouco preocupada.

Acredito que o pensamento da professora foi evitar conflitos. Contudo os conflitos que poderiam surgir, visando o desenvolvimento da autonomia, seriam

interessantes, possibilitando a criação de estratégias por parte das crianças para resolvê-los.

12º DIA DE OBSERVAÇÃO

SEGUNDA-FEIRA 07/12/2015
HORÁRIO 08h às 10h
ATIVIDADE: Ciranda de leitura

Neste dia a auxiliar chegou com uma sacola com livros infantis que foram distribuídos para as crianças, em pequenos grupos até que todas vissem todos os livros.

A atividade foi prazerosa até determinado momento pois, notei que a atividade não foi planejada e observada, não houve proposta de atividade além de ver os livros, nem o reconto da história preferida.

As crianças logo se agitaram e começaram a tratar os livros como brinquedos sendo advertidos pela professora e auxiliar.

Penso que a turma está mais familiarizada com brinquedos do que com livros. O pouco contato que tiveram com livros foi através da leitura feita pela professora.

Então naturalmente o contato com os livros foi pouco prazeroso. Além disso deixar os alunos sem orientação, acompanhamento e principalmente sem um momento que pudessem falar sobre a experiência, desenhar o que viram, entre outras propostas, não ofereceu estímulo para as crianças.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, 2009, aponta como sugestões no processo de interação com o mundo, as crianças adquirem experiências de narrativas veiculadas pelas linguagem oral, escrita e visual.

Orientando-se por esta sugestão penso que, uma boa proposta de atividade seria a escolha de uma das histórias para dramatização, usando acessórios, desenhos, massa de modelar, etc.

5. CONCLUSÃO

A autonomia do sujeito, entendida como a capacidade de fazer escolhas e tomar decisões, mediante o contexto histórico, social, cultural e as relações interpessoais, permite um olhar mais sensível não apenas para a formação pessoal de cada ser humano, mas, configura-se na construção de relações interpessoais mais solidárias, colaborativas entre os sujeitos para a construção de um mundo mais justo e democrático.

Tendo em vista a formação de um sujeito crítico, autônomo, reflexivo e participativo no mundo que o cerca, contribuindo para uma sociedade mais justa e democrática, através da Educação, a presente pesquisa procurou discutir e refletir o processo de construção de autonomia de crianças da Educação Infantil, analisando as potencialidades a partir da prática docente.

Nessa perspectiva, em um primeiro momento deste trabalho, foi discutido por meio do memorial formativo, o papel do educador frente à concepção de criança e infância e, diversas situações que envolvem o contexto infantil, a exemplo do brincar, da linguagem, da natureza, da história social e cultural, entre outros.

O referencial teórico embasou-se principalmente nos documentos que regem a educação infantil, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil e os Referenciais Curriculares nacionais para Educação Infantil e, o pensamento de Paulo Freire, que vê a autonomia relacionada com a liberdade de escolhas e a tomada de decisões para a formação crítica dos sujeitos.

De acordo com Paulo Freire (2015), ninguém é autônomo de um dia para o outro e, mais, ninguém se torna autônomo sozinho, mas, é por intermédio de educadores oferecendo experiências estimuladoras de fazer escolhas e tomada de decisões que os educandos constituirão suas autonomias. A partir da realização desta pesquisa pudemos constar que função do outro, neste caso do educador, é fundamental para a construção da autonomia dos educandos, na medida em que pode proporcionar diversas situações em que a criança possa se expressar, tomar decisões, exprimir sentimentos, valores, percepções.

Este estudo procurou discutir também a função importante do trabalho pedagógico na construção da autonomia da criança, proporcionando experiências estimuladoras neste contexto, através da pergunta que deu partida ao estudo: Como o docente da Educação Infantil contribuirá para o desenvolvimento da autonomia da criança?

Um possível diálogo com a reflexão apresentada no referencial teórico é trazer a presente pesquisa a partir das experiências de observações e contatos com o trabalho pedagógico de uma professora da Educação Infantil. Pelas análises dos registros de observação em campo, das conversas informais, foi possível refletir a rotina diária daquela professora em seus trabalhos pedagógicos com as crianças. Pelo observado, notei em alguns momentos a ausência de planejamento pedagógico, no que tange ao desenvolvimento da autonomia, associado a adoção de postura controladora e autoritária da educadora e da auxiliar de classe, diminuíram, sensivelmente o potencial de estímulo da autonomia das crianças.

A partir da análise e discussão dos dados também é possível afirmar que o investimento em formação continuada se faz necessário não só para a educadora observada na etapa de campo da pesquisa, mas para todos os educadores. Neste sentido defendo que o educador que prime por uma educação de qualidade, preocupado com a formação de um sujeito crítico, reflexivo e autônomo, é possível, com esperança e criticidade, tornar a vida humana, em sociedade, mais próxima das relações autenticamente autônomas. Obviamente que a autonomia é sempre relativa, mas, sem dúvida, é possível estimular a tomada de decisões, o cuidado de si, o cuidado com o outro, em uma relação de respeito mútuo.

Uma das contribuições que esta pesquisa pode proporcionar é a compreensão de que a autonomia começa a ser desenvolvida desde a mais tenra idade, nas turmas da Educação Infantil e o trabalho do professor é fundamental para isso. De forma complementar, é indispensável investir na formação docente, tanto para perceber e potencializar o exercício da própria autonomia, quanto para refletir sobre a importância de promover nas atividades pedagógicas o desenvolvimento da autonomia infantil..

Realizar esta pesquisa foi sem dúvida um desafio na minha vida profissional, e por que não dizer na vida pessoal. Observar, registrar, pesquisar, ler, refletir,

questionar, discutir, isso tudo e muito mais foi necessário para a realização e apresentação deste estudo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**, Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Resolução nº 20 de 2009. Diretrizes Curriculares para Educação Infantil, **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 dez. 2009. Seção 1, p. 18.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2012.

CABRAL, C. L. de O. e SILVA, M. R. S. da. **Etnopesquisa crítica**: caminho (método) epistemológico e metodológico para se fazer uma pesquisa qualitativa em educação. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2010

CAMILO, Camila. **O espaço dos auxiliares**. Nova Escola, São Paulo, n. 264, p. 96-98, ago. 2013.

Controle dos esfíncteres organiza psiquismo das crianças para relações amorosas. Dica de leitura. Disponível em: <http://thelmatorrecilha.blogspot.com.br/2009/08/controle-dos-esfincteres-organiza.html > Acesso em: 09 de maio. 2016.

COUTINHO, M. T. C.; MOREIRA, M. **Psicologia da Educação.** Belo Horizonte: Lê,1992.

Dificuldades alimentares na infância podem levar a problemas psicológicos. Dica de Leitura. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/noticia/saude/dificuldades-alimentares-na-infancia-podem-levar-a-problemas-psicologicos > Acesso em: 12 de maio. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

KRAMER. Sonia e ROCHA. Eloisa. A.C. **Educação Infantil**: Enfoques em diálogo. São Paulo, 3ª ed. Papirus, 2011.

LISPECTOR. Clarice. **A hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador, 2ª ed. EDUFBA, 2004.

MENEZES, Luis Carlos de. **Tecnologias na educação**: quanto e como utilizar. Nova Escola, São Paulo, n. 250, p. 90, mar. 2012.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil.** São Paulo, 8ª ed. Cultrix, 2001.

SAMPAIO, P. da. S. **Aprendizagem social e resolução de conflitos em ambientes democráticos e autocráticos**: um estudo com pré – escolares. 2011. 146 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós – Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PREFEITURA DE JOENVILLE. Dica de Leitura. Disponível em: <https://**educacao**.joinville.sc.gov.br/.../15-Metodologia%2Bde%2B**alimentação**%2Bna > Acesso em: 10 de maio. 2016.

SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Como ajudar as criança a deixar as fraldas. Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, n. 34, p. 20-23, jan./mar.2013.

SIROTA, Régine. **Emergência de uma sociologia da infância**: evolução do objeto e do olhar, Paris, nº 112, p.7-31, mar.2001.

SOEJIMA, F. M. **Educação e Formação humana:** uma discussão sobre o conceito de autonomia discente. 2008. 160 p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração: Psicologia e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TREINAMENTO ESFINTECRIANO: MÉTODOS, EXPECTATIVA DOS PAIS E MORBIDADES ASSOCIADAS. Dica de Leitura. Disponível em: < www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572008000100004 >Acesso em: 9 de maio. 2016.

WRAKKING, Ben; VEEN, Wim. **Educação na era digital**. Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, n. 28, p. 4-7, jul./set. 2011.

ZABALA, A. **A prática Educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICES

UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACED – FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAHIA
CEDEI – CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convido a Sra. _____ para participar da pesquisa sobre Autonomia na Educação Infantil, sob responsabilidade da pesquisadora Ticiana de Andrade Santana, Pedagoga, pós graduanda no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Trata-se de pesquisa de campo para os estudos de especialização, sob orientação da profa. Me. Fernanda Almeida Pereira. Nesta, a pesquisadora pretende analisar, para melhor compreender como a ação docente contribui para o desenvolvimento da autonomia das crianças dos grupos 4 da Educação Infantil da Escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilela.

Considerando os cuidados que teremos com a observação realizada, como com a assinatura do TCLE, os **Riscos** serão amenizados e adotaremos, a qualquer tempo, providências e cautelas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar dano às participantes da pesquisa. Assim, evitaremos qualquer constrangimento para as participantes.

A **participação é voluntária** e, portanto, não há previsão de pagamento pela sua contribuição.

Ao participante cabe a plena e total liberdade de se recusar a participar ou de retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, quando aplicável, sem penalização.

Sua participação se dará por meio de: Espaço destinado às Observações e comentários. Quanto à **Confidencialidade**, as informações coletadas no estudo serão mantidas de forma confidencial. Os dados produzidos serão utilizados apenas para fins científicos e sua identidade não será revelada sob qualquer circunstância.

Os **Benefícios** associados à sua participação neste estudo é a grande valia das informações pertinentes à realização da pesquisa de campo de Ticiana e Andrade Santana, além, obviamente da possibilidade de fazer avançar a produção de conhecimentos sobre o desenvolvimento da autonomia das crianças dos grupos 4 da Educação Infantil da Escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilela

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informada sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada, no que tange a dinheiro, benefícios, vantagens pessoais e tenho o direito assegurado de deixar a pesquisa em qualquer tempo. Este documento é emitido em duas vias de igual teor e serão assinadas por mim e pela pesquisadora, permanecendo uma via com cada uma de nós.

Lauro de Freitas, Bahia, _____ de _____ de 2015.

_____
Assinatura da participante

Ticiana de Andrade Santana
Pesquisadora Responsável
Contato: tastici@hotmail.com

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Qual a postura da criança diante de um conflito?

- Chora;
- Se recusa a tentar resolver;
- Tenta resolver sozinha, ou pede ajuda da professora.

Qual a postura da professora e auxiliar de classe para resolver conflitos entre as crianças?

- Incentiva a criança na busca de estratégias;
- Resolve pela criança;
- Dialoga com a criança mediando a situação, favorecendo o desenvolvimento da autonomia.

Quais atividades poderiam ser realizadas para promover o desenvolvimento da autonomia?